

Tradução de Rosas Tardias de Theodor Storm

Greice Bauer

Doutoranda - Universidade federal de Santa Catarina

bauergreice@yahoo.com.br

Recebido em: 27/08/2014

Aceito em: 27/10/2014

Resumo: Trata-se da tradução da novela *Späte Rosen* do autor alemão Theodor Storm para o português. Hans Theodor Woldsten Storm nasceu em 14 de setembro de 1817, na cidade de Husum, e faleceu em 04 de julho de 1888, em Hanerau-Hademarschen, na Alemanha. Escritor, poeta e romancista, sua obra se integra ao realismo poético alemão (1848-1890), sendo considerado um dos mais importantes representantes desta escola. Seus primeiros poemas foram escritos quando tinha 15 anos, tendo redigido seu primeiro texto em prosa aos 18 anos. Formou-se em direito pela Universidade de Kiel e atuou como advogado em sua cidade natal.

Palavras-chave: Theodor Storm. *Späte Rosen*. Rosas Tardias.

Suas histórias, contos e poemas são considerados como modelos de expressão literária em língua alemã. O tom muitas vezes trágico e melancólico de seus textos divide espaço com toques de ironia e humor. Entre suas obras mais difundidas cabe destacar: *Der Schimmelreiter* (1888), *Immensee* (1849), *Ein Doppelgänger* (1886) e *Die Regentruhe* (1866). Sua novela *Der Schimmelreiter* foi adaptada para o cinema nos anos de 1933, 1978 e 1984; no Brasil foi traduzida sob os títulos: *O homem do cavalo branco*, *O centauro branco*, *A assombrosa história do homem do cavalo branco*.

A novela *Späte Rosen* foi escrita em 1859 e publicada no ano seguinte, em 1860. Neste texto, Rudolf, a personagem principal, recebe a visita de um velho amigo que há muito tempo não encontrava. Durante a estadia do amigo, Rudolf descreve-lhe seu percurso de vida. Ao longo da conversa relatou sua trajetória nos negócios e também na vida amorosa. Expôs sua veneração por sua esposa, reconhecendo como ela foi essencial para sua ascensão profissional e pessoal.

Paralelamente, Theodor Storm expõe, nessa novela, a história do romance entre Tristão e Isolda escrita por Gottfried von Straßburg. Rudolf relata o conteúdo do livro para seu amigo e como mergulhou na leitura do romance. Em *Späte Rosen*, Rudolf, após receber de presente de aniversário um retrato de sua esposa, com uma

imagem de quando ela ainda era jovem e bela, fica perplexo. Sua paixão por ela, que já estava adormecida, desabrocha novamente.

O autor busca retratar o amor eterno e para isso utiliza a rosa como símbolo. No enredo a esposa do protagonista adora a flor e quando presenteia o esposo com seu retrato, deixa sobre o mesmo uma guirlanda de rosas. A obra se alimenta do tema da juventude e da ideia do amor eterno, com traços melancólicos e, repleto de sensibilidade. O autor, Theodor Storm, aborda sobretudo os problemas do amor, do matrimônio e da felicidade.

Rosas tardias

Eu estava na casa de campo de um amigo em uma cidade nas proximidades do norte da Alemanha. Nós havíamos compartilhado uma grande parte da adolescência, até que fomos separados por conta das diferenças de nossas profissões. Durante os vinte anos que não nos vimos, ele se tornou chefe de uma importante casa de comércio, fundada por ele mesmo. Quanto a mim, as circunstâncias me levaram a partir para o exterior, onde permaneci. Enfim, agora eu estava novamente em casa.

Até aquele instante não havia reconhecido a mulher da casa. Ela não era mais tão jovem, mas em seus movimentos ainda havia a leveza da juventude, e seus olhos calmos ainda emanavam uma lucidez infantil. Como eu tive oportunidade de observar, havia entre as duas pessoas uma consideração conjugal mútua. Quando ela entrou na sala para o café da manhã, seus olhos primeiramente buscaram os dele, como se perguntassem se assim ele a apreciava. Então, por um momento, desapareceu o franzido de sua testa e ele acolheu a mão estendida dela, como se esta fosse oferecida só neste instante. Às vezes quando ele estava sentado à sua escrivaninha no escritório, ela deixava a sala ou o salão do jardim e sentava-se silenciosa ao seu lado, ou permanecia imperceptível atrás de sua cadeira com a mão suave sobre seu ombro, como se ela quisesse assegurar-lhe que estava próxima, que estava presente para ele.

Foi em uma tarde resplandecente de outubro. Meu amigo havia retornado após concluir seus negócios na cidade e estávamos sentados no amplo pátio em frente da casa, conversando sobre os velhos tempos. Do pátio tínhamos a visão

afora do jardim e do campo verde fronteiro, a água escura da baía do mar báltico e a levemente inclinada floresta de faias, a qual já começava a colorir suas folhagens. Tudo isso permeado pelo azul profundo do outono sobre os altos choupos em ambos os lados do pátio, cercados como que por gigantes túrbidos cenários. A esposa do meu amigo saiu pela porta do salão do jardim segurando pela mão sua filha mais nova e passaram por nós com um sorriso sereno; ela não queria perturbar nosso mundo, do qual ela não fazia parte. Ela estava com a criança no colo à borda do pátio a observar um navio a vapor que passava, cujo ruído havia por um tempo rompido o silêncio do campo. Sua figura alta, o contorno nobre de seu vulto, contrastava nitidamente com o céu escuro.

Nossos olhos involuntariamente a seguiram, pois a conversa cessou. Sem pensar, estendi a mão para pegar algumas uvas que estavam em uma bandeja de cristal sobre a mesa de mármore à nossa frente.

– Assim teria que ser, fiz até negócios com castanhas e cerejas, tornei-me um homem da ciência. E você, onde ficaram tuas tragédias escritas na época do secundário? – disse finalmente, retornando ao tema de nossa conversa.

– A escrita italiana é um pó severo contra a poesia; e todavia tenho ainda a determinação que devo fazer para que dê resultado. – replicou ele sorrindo.

Ele me fitou com seus olhos escuros que ainda revelavam seus ideais, os quais o distinguiram na sua juventude. – Pode ter-lhe dado muito trabalho – eu disse.

– Trabalho? – repetiu ele devagar – foi o mínimo que me custou. – E neste momento olhou para sua esposa com uma energia de ternura, com uma alegria de gozo, como se tivesse conhecido a amante há pouco tempo.

Não pude deixar de pensar num pequeno incidente no primeiro dia da minha estadia. Foi quando ao entrar no escritório do meu amigo, meu primeiro olhar desviou para o retrato de uma bela jovem pendurado ao lado de sua escrivaninha. Pintado a óleo em cores claras brilhantes e com uma alegria verdadeiramente radiante e com vigor pela vida. Respondendo a minha pergunta, Rudolf a apresentou: – É o retrato de minha esposa. Ou mais precisamente – acrescentou ele – a menina que mais tarde se tornou minha noiva e então minha esposa. O retrato foi pintado para os avós e como herança retornou à ela. – Com estas palavras posicionou-se diante da imagem, enquanto que, em pensamento, eu comparava os

traços outrora juvenis com os da mulher que havia visto. Quando depois de um tempo me virei para ele, seu semblante tinha uma expressão firme, quase uma dor íntima, a qual durante minha longa estadia cada vez menos conseguia explicar, pois afinal de contas essa menina se tornara sua mulher, continuava ao seu lado e, pelo que se via, ainda o deixava feliz.

Quando naquele instante a bela tranquila mulher desceu do pátio para o jardim, eu não receei em tocar em uma ferida não cicatrizada, não quis mais esconder minha observação de outrora. Então segurei a mão de meu amigo da juventude e disse: – O que foi isso Rudolf? Diga-me se puder!

Novamente ele olhou ao jardim, por detrás do qual já estava subindo a névoa pelos campos; então tirou os cabelos lisos da testa e com o tom forte de sua voz tão familiar disse: – Eu posso te dizer – na medida em que tal coisa pode ser em geral dita – não há nada errado e também não há feridas. Naquele tempo, através das minhas cartas você soube como eu conheci minha esposa há quase quinze anos na casa dos meus pais. Ela visitava minha irmã, que havia conhecido em um banho de mar nas ilhas que ficam a oeste. Naquele período eu vivia em extrema e cansativa atividade. De repente, um companheiro que financiou uma parte do comércio desligou-se do negócio e aquela lacuna precisou ser substituída por outros meios e no menor tempo possível. Além disso, surgiu a criação da empresa de navios a vapor, a qual já estava em meus planos, porém a sua realização teve novos obstáculos em virtude da implicância dos vizinhos. Eu precisava de uma participação encorajadora, um refúgio onde pudesse descansar meu coração, quando passasse o dia no trabalho e na inquietação. Acabei por encontrar, ambos, junto à jovem amiga de minha irmã. À noite enquanto caminhávamos no jardim dos meus pais entre as cercas de alfena, os meus planos e preocupações foram assunto de nossas conversas. Ela me ouvia e compreendia tudo. Sua simplicidade e segurança, que você admirou no primeiro dia de estadia aqui, já eram presentes naquela época. Mas também a malícia da juventude não era estranha para ela. Lembro-me de uma noite que sentei com as duas garotas à mesa antiga de jardim no caramanchão. Todos os tipos de infortúnios haviam me ocorrido naquele dia. Em um ataque instantâneo de desânimo, exclamei: – Tudo isso está além de minhas forças! – Ela não respondeu, mas apoiou seu queixo sobre as mãos e por um tempo me olhou como que indignada e espantada. Então ela se virou para minha irmã e sorrindo disse: – Veja

só! Ele já não acredita mais em si mesmo! – Ela tinha razão, já nas semanas seguintes eu senti que minhas forças seriam suficientes para continuar. Por fim foi quase por si só que ela colocou sua mão sobre a minha e que eu a segurei. Outros me falavam de sua beleza, eu olhei, mas nunca havia reparado nisso e também não repararia. Assim ela se tornou minha esposa, uma companheira de vida, aquela que a vida me trouxe e que sempre coloca novos desafios diante de mim para que eu soluciono. Você se recorda como eu resolvia um problema após o outro, pois te escrevi várias vezes naquela época. Eu fiquei como se fosse guiado pelas mãos dela, pois em seu posto, ela sabia fazer tudo na hora certa. Ela entendia a linguagem muda das coisas. Era como a Maria dos contos infantis que, de passagem, ouve o chamar das árvores, dizendo: – Agite-nos, nós, maçãs, estamos maduras! – Depois de alguns anos eu consegui adquirir esta casa de campo e decorar tudo conforme nosso gosto. Com a felicidade que me favoreceu, meus negócios também prosperaram. Mas eu não a tinha, os negócios me consumiam. Estava preso em uma rede de combinações, as quais uma sempre substituía a outra. Todas as minhas forças estavam sendo direcionadas ao trabalho, o qual dia após dia consumia meu tempo.

Meu amigo deteve-se, sua filha mais velha de doze anos saiu da casa e veio ao nosso encontro e perguntou pela mãe. Ele a pegou nos braços e apontou à direção do jardim. Do outro lado da casa de vidro, cuja cumeeira branca erguia-se ao lado do muro dos arbustos, ouvia-se o riso da filha menor e, no meio, a voz suave da mãe: – Vá Jenni! Há dois grandes figos maduros, você pode colhê-los! – disse ela sorrindo. A menina assentiu e foi embora, desceu as escadas, atravessou o gramado que se estendia por todo o pátio, e desapareceu entre as folhagens.

Por um momento o pai seguiu-a com os olhos e retomou o assunto: – Foi na primavera, num domingo à tarde, a esbelta menina que mandamos agora para mãe mal tinha seis meses de idade. O salão do jardim aqui do pátio havia acabado de ser desenhado, o sol de primavera reluzia ao chão e o cheiro de folhas e botões de flores penetrava através da porta aberta. Eu sentado no sofá com o livro que havia pegado, o mesmo que há muito tempo não via. Não sei, pensei em você e em nossos estudos alemães outrora, tão velhos, ou queria me certificar que aqui fora era para mim outro mundo, diferente daquele entre as paredes escuras do meu escritório na cidade. Era o mestre Gottfried Tristão que eu havia aberto. A certa

distância estava minha esposa sentada à minha frente, ocupada com um trabalho artesanal, e no quarto ao lado, dormia em seu berço a criança. Estava tudo tranquilo, nada me incomodaria para iniciar a viagem marítima de Tristão e Isolda.

A quilha estabilizou, Isolda sentara no convés na solitária hora do almoço. O vento de verão soprava em seus cabelos dourados, seus olhos transbordavam de aflição pela pátria, pelo medo do desconhecido, onde ela deveria se casar com o velho rei. Tristão queria consolá-la, mas ela o repelia, ela o odiava, pois ele havia matado Morolt. O ar estava abafado e ela com sede. No quarto do navio, o qual era mal mantido, estava a poção de amor que deveria inflamar o coração de Isolda pelo noivo. Uma senhorita a chamou: – Olhe, aqui há vinho! – Tristão sem saber de nada ofereceu o cálice à futura rainha. Ela bebeu com hesitação. Foi muito difícil para ela, e o deu a ele que também tomou.

E assim começa o jogo mágico do velho poeta. Vivemos com eles em suas dúvidas e em sua avidez do coração, no não querer e ainda precisar, no acreditar em ser livre e, ao mesmo tempo, no temor a essa mesma condição. Ininterruptamente surgem os doces versos que com sua maneira premente e oculta seduzem o coração. Eu os vi à minha frente, o jovem belo casal, e como eles se encostaram juntos à borda do navio. Eles fitam o mar para não verem como suas mãos secretamente repousam uma sobre a outra, e enquanto estão embriagados falam palavras aleatórias a respeito do mar e da névoa, do ar e do pélagos.

O aroma do cálice, que o poeta trouxe com maestria ao seu leitor, emanou e também começou a exercer seu jogo mágico sobre mim. Através da poesia algo despertou dentro de mim, o que a vida até então tinha deixado adormecido. Eu não conhecia esse outro mundo no qual Tristão e Isolda agora impunham suas próprias leis inflexíveis, com o qual o próprio poeta queria crescer e corromper, como disse no início da obra.

Olhei para minha esposa por cima do livro. Meu amigo, naquela época o frescor da juventude ainda estava em suas bochechas. Através da janela as sombras das jovens folhas de álamo caíram sobre seu rosto e, suavemente, se moveram de um lado para o outro, enquanto ela estava com os olhos abaixados, concentrada em seu trabalho. Ela era tão bela quanto a pretendida Isolda? Ou o cálice do amor não foi mero símbolo e realmente levou a misteriosa poção a criar esta doce loucura?

Nesse instante, a criança ao lado despertou. A jovem mãe largou seu trabalho e levantou, mas enquanto ela atravessava o salão olhou-me com seus belos serenos olhos e fez sinal para que eu a seguisse.

Eu tive que sorrir. “O que você está esperando?” disse baixinho para mim e fechei o velho livro de magia. E logo ela já estava de volta e me trouxe a criança, que abriu os seus grandes olhos sonolentos à luz do sol de primavera.

Assim tudo ficou em silêncio entre nós, como havia sido até então. Os anos se passaram e durante este tempo a bela e jovial mulher foi, aos poucos, envelhecendo ao meu lado. Eu não vi e não tinha olhos para ver como os traços de seu rosto imperceptivelmente perderam o contorno suave da juventude e como seu cabelo loiro deixou de ter o brilho de seda. Apenas sua essência espiritual foi-me sempre mais consciente. Eu percebi nitidamente como cada vez mais ela se mostrava firme e como eu a venerava sempre mais.

Três anos atrás nasceu nossa segunda filha. – Ouça! – Elas estão na casa de vidro e como ela brinca com as meninas!

Enquanto isso meu trabalho tinha-se simplificado, os negócios estavam indo no caminho certo, de modo que eu pude deixá-los aos cuidados de outras mãos. Finalmente tive tempo para outras coisas na minha vida. Pois o necessário pode acontecer sem coerção, assim o desejo inato do homem pela beleza fez-se valer novamente. Dei ao jardim sua atual aparência e dispus as roseiras lá embaixo. – Você já ouviu que ela adora especialmente as rosas mais do que as outras flores. – Anos mais tarde foi construído atrás do mesmo o espaçoso pavilhão. O mosaico de madeira do assoalho, as poltronas e tudo o que há no seu interior deixei que um colega arquiteto fizesse com artesãos qualificados. As janelas foram cobertas até a metade com cortinas de seda cinza, de modo que entrasse uma luz atenuada e reconfortante. Aqui, no silêncio do jardim, li pela primeira vez, em um contexto imperturbável, as eternas canções da Odisseia – os Nibelungos, eu li em voz alta. A música também não foi esquecida, minha vida não permitiu o exercício de uma arte, mas minha mulher sabia cantar e ela sempre gostou de fazê-lo em minha presença e das crianças. Então outros vieram, os quais fizeram o mesmo, assim juntou-se imperceptivelmente um pequeno grupo de participantes e adeptos.

Logo chegou meu quadragésimo aniversário em junho do ano passado. O sol da manhã me despertou, senão ainda estaria dormindo. Vesti-me e atravessei a

casa silenciosa até o pátio. A grama ainda estava na sombra profunda, apenas os topos das árvores e a ponta dourada do pavilhão brilhavam com o amanhecer. Do outro lado o nevoeiro branco ainda se encontrava sobre a água, na qual se via às vezes a ponta de um mastro cambaleante. Eu descii lentamente para o jardim tomado pela impressão intacta do suave amanhecer e entrei em silêncio como se tivesse medo de despertar o dia.

Na noite anterior, eu estive novamente envolvido com o mestre Gottfried Tristão e fiquei totalmente absorto no livro. Eram as últimas páginas, escritas pela graciosa mão do poeta.

A poção do amor demonstrou sua força mágica. A bela rainha Isolda e o sobrinho do rei Tristão não podiam deixar um ao outro. O velho generoso rei ablegou os culpados; porém o poeta satisfaz seu coração latejante e leva seus queridos para longe das pessoas, na selva. Nenhum intrometido os seguiu, o sol estava brilhando, as ervas exalavam seus odores; apenas ele e ela na imensa solidão. Em torno deles, a floresta amena e no ar invisível o incessante canto dos pássaros. À luz da noite eles caminharam através do prado, em direção ao poço que ecoava, lá sentaram debaixo da tília e olharam de volta para a gruta de pedra onde descansaram juntos à noite. Ao nascer do sol eles vaguearam através da malha do brejo, caçando com a besta em punho. Os cavalos juntos, o cabelo dourado de Isolda balançava em torno dos ombros de Tristão.

Na quietude do ar da manhã as imagens da poesia engrandeceram como sonho dentro de mim. No entanto as horas tinham avançado, o sol brilhava quente nas plataformas do jardim, as folhas gotejavam, as fragrâncias das flores espalhavam-se pelo ar e começou o fino som do mundo dos insetos. Eu senti a plenitude da natureza e fui tomado por uma sensação de juventude, como se diante de mim o segredo da vida ainda estivesse lacrado. Apressei meu passo, pisei firme, involuntariamente estiquei o braço e quebrei um ramo florido dos arbustos que ficavam ao lado do gramado. Lá embaixo na frente do pavilhão as cadeiras do jardim ainda estavam como havíamos sido deixadas à noite. Nas persianas fechadas gotejava o orvalho. Peguei a chave no esconderijo, embaixo do degrau, e escancarei a porta para que o ar da manhã pudesse entrar. Então voltei. Ao passar pela porta fechada da casa de vidro sacolejei e depois de um tempo entrei através do salão do jardim para a sala de minha esposa. Na casa nada se movia, a calma da manhã

estava por todos os cantos. Mas uma forte fragrância de rosas frescas parecia querer revelar a proximidade de uma mesa de aniversário. Quando abri a porta de meu escritório meus olhos se voltaram para uma pintura a óleo em forma oval, recostada à escrivaninha. Era a foto de perfil, em tamanho natural, do rosto de uma moça. Uma guirlanda repleta de rosas vermelhas ornava a moldura folheada a ouro. A cabeça inclinada um pouco para trás, levava a imaginar que uma mão leve havia acabado de pentear aquele cabelo loiro, brilhante; os lábios entreabertos exprimiam a deliciosa exuberância da juventude.

Fiquei sem ar e fitei o bonito semblante jovem; eu senti como se eu não pudesse esconder a minha presença, como se um sopro descuidado pudesse fazer tudo se perder no ar. Só poderia ser um mundo repleto da luz do sol de primavera que aqueles jovens olhos sorridentes contemplavam. Eu involuntariamente inclinei a cabeça. Ela – seria ela? Aquela com quem eu teria fugido de qualquer solidão, uma vez que o coração de cada homem pede por isso? Rudolf segurou minha mão.

– E por que não seria ela? – Você conhece o retrato. O que eu vi não era a fantasia de um pintor, nem porventura a loira rainha Isolda, pois esta talvez nunca tenha existido. Esse semblante à minha frente tinha vida, pertencia a minha própria vida; e assim foi única, aquela que há muitos anos colocou sua mão sobre a minha; aquela que ainda vive ao meu lado.

Olhei novamente para cima e vi que ela não me deixou. O aroma da beleza me dominou completamente. De repente me lembrei de uma velha canção: “Ó juventude, ó bela época de rosas!”. Eu estendi os braços para a imagem como se ela tivesse voltado novamente, como se esta doce figura não tivesse ficado para sempre no passado. Subitamente enquanto meu coração foi dilacerado pelo remorso e desejo fútil, veio-me um pensamento inquestionável, uma felicidade inefável: ela continuava única e ainda estava ao meu lado. Estava tão próxima que eu poderia, neste mesmo instante, estar ao lado dela.

Saí do escritório, procurei-a, mas ela não estava mais na casa. Quando fui para o jardim, ela veio ao meu encontro aquém do pátio. Olhou-me sorrindo, como se quisesse ler em meus olhos a emoção que senti diante do presente de aniversário. Mas não dei tempo à ela. Tomei em silêncio sua mão e a conduzi ao jardim. Ela caminhava ao meu lado com seu jeito de menina, com seu vestido branco matinal, com olhos serenos me questionando e com olhar admirado. Sua

mão tão leve se entregava a minha. Então, não pude mais esperar em prostrar-me idolatrando-a, pois toda a paixão da minha vida havia despertado, impelindo-se de modo impetuoso e incansável sobre ela.

Rudolf calou-se por um momento; e logo disse baixinho, enquanto admirava o arrebol, que já estava com seus últimos brilhos no céu: – Portanto eu também bebi do cálice do amor, um profundo e consistente gole, tarde demais, mas todavia não tão tarde assim.

Nós estávamos sentados em silêncio um ao lado do outro e gradualmente caiu a escuridão da noite. No jardim tudo ficou quieto, porém lá embaixo as luzes no pavilhão já estavam acessas e luziam através dos arbustos. Então, um acorde foi tocado e a voz grave profunda fez ecoar palavras cantadas através da noite:

– Ó juventude, ó bela época de rosas!

Späte Rosen

Ich befand mich in der Nähe einer norddeutschen Stadt auf dem Landhause eines Freundes. Wir hatten einen großen Teil der Jugend zusammen verlebt, bis wir fast am Schlusse derselben durch die Verschiedenheit unseres Berufes getrennt wurden. Während der zwanzig Jahre, in denen wir uns nicht gesehen, war er der Chef eines von ihm gegründeten bedeutenden Handlungshauses geworden; mich hatten die Verhältnisse in die Fremde getrieben und dort für immer festgehalten. Jetzt war ich endlich einmal wieder in der Heimat.

Die Frau des Hauses hatte ich bisher noch nicht gekannt. – Sie war nicht jung mehr; aber in ihren Bewegungen war noch die Leichtigkeit der Jugend und ihre ruhig blickenden Augen waren noch von einer kindlichen Klarheit. Es herrschte zwischen diesen beiden Menschen, wie ich bald zu bemerken Gelegenheit hatte, eine gegenseitige fast bräutliche Rücksichtnahme. Wenn sie zum Frühstück frisch gekleidet in den Saal trat, suchten ihre Augen zuerst nach ihm und taten an die seinen die stille Frage, ob sie ihm so gefalle. Dann verschwand für einen Augenblick die tiefe Falte von seiner Stirn und er empfing ihre dargereichte Hand, als werde sie erst eben ihm geschenkt. Mitunter, wenn er in seinem Arbeitskabinett am Schreibtische saß, trat sie aus ihrem Wohnzimmer oder aus dem davorliegenden Gartensaal und setzte sich schweigend neben ihn; oder sie war ungesehen hinter

seinen Stuhl getreten und legte still die Hand auf seine Schulter, als müsse sie ihn versichern, daß sie in seiner Nähe, daß sie für ihn da sei.

Es war im Oktober an einem klaren Nachmittag. Mein Freund war eben, nach Beendigung seiner Geschäfte, aus der Stadt zurückgekehrt, und wir saßen nun, die alte Zeit beredend, auf der breiten Terrasse vor dem Hause, von der man über den tiefer liegenden Garten und über eine daran grenzende grüne Wiesenfläche auf das dunkle Wasser der Ostseebucht und jenseit dieser auf sanft ansteigende Buchenwälder hinaussah, deren Laub sich schon zu färben begann. Dies alles und der tiefblaue Herbstbimmel darüber war von den hohen Pappeln, die zu beiden Seiten der Terrasse standen, wie von dunkeln Riesenkulissen eingefasst. – Die Frau meines Freundes war, ihr jüngstes Töchterchen an der Hand, aus der offenen Flügeltür des Gartensaales getreten, und mit einem stillen Lächeln an uns vorübergegangen; sie wollte sich nicht in unsere Schattenwelt drängen, an der sie keinen Teil hatte. Nun stand sie mit dem Kinde auf dem Arm am Rande der Terrasse und blickte einem vorüberziehenden Dampfschiffe nach, dessen Rädergebrause schon eine Zeitlang die Stille der Landschaft unterbrochen hatte. Ihre hohe Gestalt, die Umrisse ihres edlen Kopfes hoben sich deutlich gegen den dunklen Himmel ab. Unser beider Augen mochten ihr unwillkürlich gefolgt sein, denn das Gespräch verstummte. Ich langte gedankenlos nach den Trauben, die in einer Kristallschale vor uns auf dem Marmortische standen.

»So hat es kommen müssen«, sagte ich endlich, indem ich den Gegenstand unserer Unterhaltung noch einmal wieder aufnahm, »ich, der sogar mit Kastanien und Kirschensteinen Handel trieb, wurde ein Mann der Wissenschaft; und du – wo sind deine Trauerspiele geblieben, die du als Sekundaner schriebst?«

»Die italienische Buchführung«, erwiderte er lächelnd, »ist ein scharfes Pulver gegen die Poesie; und gleichwohl habe ich noch den festen Willen hinzutun müssen, damit das Mittel anslug.«

Er sah mich mit seinen dunklen Augen an, die noch den idealen Zug verrieten, der ihn in seiner Jugend auszeichnete. »Es mag dir Mühe genug gekostet haben«, sagte ich.

»Mühe?« wiederholte er langsam; – »es ist vielleicht das Wenigste, was es mich gekostet hat.« Und dabei flog ein Blick zu seiner Frau hinüber, von einer solchen

Energie der Zärtlichkeit, von einer Freude des Besitzes, als habe er die Geliebte erst vor kurzem sich errungen.

Unwillkürlich mußte ich eines kleinen Vorfalles am ersten Tage meines Hierseins gedenken. Damals, beim Eintritt in das Arbeitskabinett meines Freundes, fiel mein erster Blick auf das neben seinem Schreibtisch hängende Bildnis eines schönen jugendlichen Mädchens. Es war in Öl gemalt, in klaren lichten Farben und von einer wahrhaft leuchtenden Heiterkeit und Lebensfrische. Auf meine Frage, wen es vorstelle, erwiderte Rudolf: »Es ist das Bildnis meiner Frau. Das heißt«, setzte er hinzu, »des Mädchens, das später meine Braut und dann meine Frau geworden ist. Es war für die Großeltern gemalt und ist aus deren Nachlaß an sie zurückgelangt.« Er war bei diesen Worten gleichfalls vor das Bild getreten, während ich in Gedanken die jugendlichen Züge mit denen der nur noch flüchtig gesehenen Frau verglich. – Als ich nach einer Weile mich zu ihm wandte, trug sein Antlitz den unverkennbaren Ausdruck einer fast schmerzlichen Innigkeit, den ich mir bei meinem längeren Aufenthalte immer weniger zu erklären wußte. Denn dieses Mädchen war ja sein geworden; sie lebte und – so schien es – sie beglückte ihn noch jetzt.

Nun, als in diesem Augenblick die schöne ruhige Gestalt vor uns von der Terrasse in den Garten hinabstieg, und da ich nicht fürchtete, eine ungeheilte Wunde zu berühren, vermochte ich meine damalige Beobachtung nicht länger zu verschweigen. »Was war das, Rudolf?« sagte ich und nahm die Hand meines Jugendfreundes, »sage mir es, wenn du es kannst!«

Er blickte noch einmal in den Garten hinab, hinter dem aus den Wiesen schon die Abendnebel aufzusteigen begannen; dann strich er das schlichte Haar von seiner Stirn und sagte mit dem herzlichen Ton seiner mir einst so vertrauten Stimme: »Es ist kein Unrecht dabei, und auch kein Unheil; ich kann es dir schon sagen – soweit so etwas überhaupt sich sagen läßt. Du hast es seinerzeit aus meinen Briefen erfahren, wie ich meine Frau vor nun fast funfzehn Jahren in meinem elterlichen Hause kennenlernte. Sie besuchte meine Schwester, mit der sie im Bade auf unseren Westsee-Inseln zusammengetroffen war. Ich lebte damals in der angestrengtesten und aufreibendsten Tätigkeit. Ein Kompagnon, auf dessen Mitteln ein Teil des kaum aufgeführten Handelsgebäudes ruhte, war plötzlich ausgeschieden, und das Fehlende mußte auf andere Weise und in kürzester Frist ersetzt werden. Dazu kam die Errichtung der Dampfschiffahrts-Sozietät, die ich schon derzeit im Plane hatte,

dessen Ausführung aber die Eifersucht unserer Nachbarschaft immer neue Hindernisse entgegenstellte. Ich bedurfte, wenn ich den Tag in Arbeit und Aufregung hinbrachte, einer ermutigenden Teilnahme, eines Zufluchtsortes, an dem ich mein Herz ausruhen konnte. Beides fand ich bei der jungen Freundin meiner Schwester. Abends im elterlichen Garten, beim Auf- und Abwandeln zwischen den Ligusterzäunen, waren meine Pläne und meine Sorgen der Gegenstand unserer Gespräche; sie hatte ein Ohr und Verständnis für alles. Die Einfachheit und Sicherheit ihres Wesens, die du neulich am ersten Tage deines Hierseins an ihr bewunderst, waren schon damals vorhanden. Doch auch der Mutwille der Jugend war ihr nicht fremd. Ich erinnere mich eines Abends, wo ich den beiden Mädchen an dem alten Gartentisch in der Laube gegenüber saß. Es war an diesem Tage aller Art Unglück für mich hereingebrochen. In einem augenblicklichen Anfall von Mutlosigkeit rief ich aus: ‚Es geht am Ende dennoch über meine Kräfte!‘ Sie antwortete nicht darauf; aber sie stützte schweigend das Kinn in ihre Hand und sah mich eine Weile wie mit zürnenden, erstaunten Augen an. Dann wandte sie den Kopf zu meiner Schwester und sagte lächelnd: ‚Siehst du! Er glaubt schon selbst nicht mehr daran!‘ Und sie hatte recht; schon in den nächsten Wochen fühlte ich, daß meine Kräfte reichten. Es verstand sich endlich fast von selbst, daß sie ihre Hand in meine legte; daß ich sie festhielt. Andere sagten mir von ihrer Schönheit; ich sah sie darauf an; ich hatte nie daran gedacht und dachte auch ferner nicht daran. So ward sie meine Frau; eine Genossin des Lebens, das der Tag mir brachte und in immer erneuter Aufgabe zur Lösung vor mich hinstellte. Du wirst dich dessen erinnern – denn ich habe dir damals öfter geschrieben – wie von nun an ein Wirrsal nach dem andern gelöst wurde. Mir war dabei fast, als geschehe es durch ihre Hand; denn sie an ihrem Platze wußte alles zur rechten Zeit zu tun; sie verstand die stumme Sprache der Dinge, gleich der Goldmaria des Märchens, die es im Vorübergehen aus den Bäumen rufen hört: ‚Schüttle uns, wir Äpfel sind alle miteinander reif!‘ – Schon nach einigen Jahren vermochte ich dies Landhaus zu erstehen und unsern einfachen Wünschen gemäß einzurichten. Aber mit dem Glück, das mich begünstigte, mehrten sich auch meine Geschäfte; ich hatte nicht sie, sie hatten mich; ich war eingefangen in einem Netz von Kombinationen, deren eine immer die andere ablöste; alle Kräfte meines Geistes waren in diesen einen Dienst gegeben, der sie Tag für Tag in Anspruch nahm.«

Mein Freund hielt inne; seine älteste zwölf jährige Tochter war aus dem Hause zu uns getreten und fragte nach der Mutter. Er nahm sie in seinen Arm und horchte nach dem Garten hinunter. Drüben von dem Glashause her, das mit seiner weißen First neben der Gartenmauer aus dem Gebüsch ragte, hörte man das Lachen der Kleinen, und dazwischen wie beschwichtigend die Stimme der Mutter: »Geh, Jenni!« sagte er lächelnd, »es sind zwei große Feigen reif; ihr dürft sie nehmen!« – Sie nickte; und fort war sie; die Treppe hinab und durch die Rasenpartien, welche sich unterhalb der Terrasse ausbreiteten, seitwärts im Gebüsch verschwunden.

Der Vater sah ihr einen Augenblick nach; dann fuhr er fort: »Es war im Frühling eines Sonntagnachmittags; das schlanke Mädchen, das wir eben zur Mutter hinabgeschickt, mochte damals kaum ein halbes Jahr zählen. Der Gartensaal hier an der Terrasse war eben ausgemalt, die Frühlings sonne beschien den Estrich, und durch die offenen Flügeltüren drang der Duft der sprießenden Blätter und Knospen. Ich hatte, auf dem Sofa sitzend, ein Buch zur Hand genommen, desgleichen mir seit lange nicht mehr vor Augen gekommen war; ich weiß nicht, gedachte ich deiner und unserer einst so eifrig betriebenen altdeutschen Studien, oder wollte ich mich nur vergewissern, daß hier draußen für mich eine andere Welt sei, als drüben in der Stadt zwischen den dunkeln Wänden meiner Schreibstube. Es war Meister Gottfrieds Tristan, den ich aufgeschlagen hatte. In einiger Entfernung mir gegenüber am Fenster saß meine Frau mit einer weiblichen Arbeit beschäftigt; nebenan im Zimmer schlief das Kind in seiner Wiege. Es war alles still; nichts störte mich, mit Tristan und Isote die Meerfahrt zu beginnen.

Die Kiele streichen hin; in der einsamen Mittagsstunde sitzt Isote auf dem Verdeck. Der Sommerwind weht in ihren goldenen Haaren; aber ihre Augen quellen über, aus Weh nach der Heimat, aus Furcht vor der Fremde, wo sie des greisen Königs Gemahl werden soll. Tristan will sie trösten; aber sie stößt ihn zurück; sie haßt ihn, weil er ihren Ohm Morolt erschlagen hat. Die Luft geht schwül, sie dürstet. In der Schiffskeminate, schlecht verwahrt, steht der Minnetrank, der Isotens Herz dem alten Bräutigam entzünden soll. Ein kleines Fräulein ruft: ‚Seht, hier steht Wein!‘ und Tristan bietet ahnungslos der Königin den Becher.

Sie trank mit Zaudern, ihr war so schwer,
Und gab es ihm; da trank auch er.

Und nun beginnt das Zauberspiel des alten Dichters; wir leben mit ihnen in ihrem Zweifel und in ihrer Herzensgier, wie sie nicht wollen und doch müssen, wie sie noch glauben frei zu sein und dennoch fürchten es zu werden. Unaufhaltsam quellen die süßen Verse hervor; mit ihrer heimlich dringenden Weise betören sie das Herz. Ich sah sie vor mir, das schöne jugendliche Paar, wie sie zusammen am Bord des Schiffes lehnen. Sie blicken hinaus über das Wasser, um nicht zu sehen, wie ihre Hände heimlich ineinander ruhen; und, während sie ganz einer in dem andern trunken sind, reden sie wie zufällig fremde Worte, von Meer und Nebel, von Luft und See. – –

Der Duft des Bechers, den der alte Meister seinem Leser so nahezubringen weiß, stieg auf, und begann auch an mir sein Zauberwerk zu üben. Durch die Dichtung wurde etwas in mir bewegt, was das Leben bis dahin hatte schlafen lassen; ich hatte diese andere Welt nicht kennengelernt, die Tristan und Isoten nun ihre eigenen unerbittlichen Gesetze aufnötigt; mit der der Dichter selbst, wie er zu Anfang seines Werkes sagt, verderben und gedeihen will.

Ich sah von dem Buch zu meiner Frau hinüber. Damals, mein Freund, lag noch der Duft der Jugend auf ihren Wangen. Durchs Fenster fielen die Schatten der jungen Pappelblätter auf ihre Stirn und bewegten sich leise hin und wider, während sie die Augen auf ihre Arbeit niedergeschlagen hatte. – War sie nicht ebenso schön, wie ‚der Minne Federspiel, Isot?‘ Oder war der Minnebecher kein bloßes Symbol, und bedurfte es wirklich des geheimnisvollen Trankes, um diesen holden Wahnsinn zu erschaffen?

In diesem Augenblick erwachte nebenan das Kind. Die junge Mutter stand auf und warf die Arbeit hin; aber, während sie durch den Saal ging, sah sie mich mit ihren schönen heitern Augen an und winkte mir, ihr zu folgen. –

Ich mußte lächeln. ‚Was willst du noch?‘ sagte ich halblaut zu mir selbst und schlug das alte Zauberbuch zu. Und schon war sie zurück und brachte mir das Kind, das die großen verschlafenen Augen gegen die helle Frühlingssonne aufriß. – –

So blieb es ruhig zwischen uns, wie es gewesen war. Ein Jahr nach dem andern ging dahin; und in wähernder Zeit verblühte allmählich die schöne jugendliche Frau an meiner Seite. Ich sah es nicht; ich hatte kein Auge dafür, wie die Züge ihres lieben Angesichts unmerklich den weichen Umriß der Jugend verloren und wie der Seidenglanz ihres blonden Haares erlosch; nur ihres geistigen Wesens wurde ich mir

immer klarer bewußt; ich fühlte deutlich, wie es sich immer fester begründete, und ebenso, wie ich sie immer mehr verehrte.

Vor drei Jahren wurde uns noch eine zweite Tochter geboren – horch nur! Sie sind im Glashause; wie sie mit der Schwester disputiert! – –

Indessen hatten sich meine Arbeiten allmählich vereinfacht; die Geschäfte gingen ihren geordneten Gang, so daß ich manches andern Händen überlassen konnte. Mein Leben gewann endlich wieder Raum für andere Dinge. Da das Notwendige ohne Zwang geschehen konnte, so machte sich der dem Menschen eingeborene Drang nach Schönheit wieder geltend. Ich gab dem Garten seine jetzige Gestalt und ließ dort unten das Rosarium anlegen. – Du hörtest schon, daß sie die Rosen vor allen andern Blumen liebt. – Im Jahre darauf wurde hinter demselben der geräumige Pavillon erbaut. Die Holzmosaik des Fußbodens, die Sessel und was sonst an Gerät hineingehörte, ließ ich nach Zeichnungen eines befreundeten Architekten von geschickten Handwerkern anfertigen; die hohen Fenster wurden zur Hälfte mit hellgrauen seidenen Gardinen verhängen, so daß ein gedämpftes wohltuendes Licht entstand. Hier in dieser Gartenstille las ich zum ersten Male in ungestörtem Zusammenhange die alten ewigen Gesänge, die Odyssee – die Nibelungen; ich las sie laut; denn sie saß neben mir und hörte, und ihre fleißigen Hände ließen unbewußt die Arbeit ruhen. Auch die Hausmusik war nicht vergessen; mir hatte das Leben keine Zeit zur Ausübung einer Kunst gelassen, aber meine Frau verstand es zu singen, und sie hatte es schon immer gern in meiner und der Kinder Gegenwart getan. Nun traten andere hinzu, die ein Gleiches leisteten; denn unmerklich hatte sich uns ein kleiner Kreis teilnehmender und gleichgesinnter Menschen angeschlossen.

So war im Juni vorigen Jahres mein vierzigster Geburtstag herangekommen. – Die Frühsonne weckte mich; sonst schlief noch alles. Ich kleidete mich an und ging durch das schweigende Haus auf die Terrasse. Der Rasen unterhalb derselben war noch in tiefem Schatten; nur die Spitzen der Bäume und der goldene Knopf des Gartenhauses leuchteten in der Morgensonne; drüben auf dem Wasser lag noch der weiße Nebel, aus dem die schwankende Spitze eines Mastes nur dann und wann hervorsah. Ich stieg langsam in den Garten hinunter, ganz erfüllt von dem Gefühl der süßen unberührten Frühe; ich trat leise auf, als fürchte ich den Tag zu wecken.

Am vorhergehenden Abend war ich wieder einmal über Meister Gottfrieds Tristan geraten und hatte mich ganz in das alte Buch vertieft. Es waren die letzten Blätter, die diese anmutige Dichterhand geschrieben.

Der Minnetrank hat seine Zauberkraft bewährt. Die schöne Königin Isote und Tristan, des Königs Neffe, sie konnten voneinander nicht lassen. Der alte langmütige König hat endlich die Schuldigen verbannt; der Dichter aber tut seinem klopfenden Herzen Genüge und führt seine Lieblinge fern von den Menschen in die Wildnis. Kein Lauscher ist ihnen gefolgt; die Sonne scheint, die Kräuter duften; in der ungeheuren Einsamkeit nur sie und er; um sie her der säuselnde Wald und unsichtbar in den Lüften der unablässige Gesang der Vögel. Sie wandeln im Abendschein durch die Wiese, hin wo der kühle Bronnen klingt; dort sitzen sie nieder unter der Linde und blicken zurück nach der Felsengrotte, wo sie die Nacht zusammen ruhten. Sie reiten bei Sonnenaufgang durch die taubenetzte Heide auf die Pirsch, die Armbrust in der Faust, die Rosse aneinanderdrängend, Isotens goldenes Haar um Tristans Schultern wehend.

In der stillen Morgenluft stiegen die Bilder der Dichtung wie Träume in mir auf. – Indessen war die Zeit vorgerückt; die Sonne schien warm auf die Gartensteige, die Blätter tropften, die Wohlgerüche der Blumen verbreiteten sich, und in den Lüften begann das feine Getön der Insektenwelt. Ich empfand die Fülle der Natur und ein Gefühl der Jugend überkam mich, als läge das Geheimnis des Lebens noch unentsiegelt vor mir. Ich beschleunigte meinen Schritt, ich trat fester auf; unwillkürlich streckte ich den Arm aus und brach einen blühenden Zweig von dem Gebüsch, das nebenan im Rasen stand. – Unten vor dem Pavillon standen noch die Gartenstühle, wie wir sie am Abend verlassen hatten; an den verschlossenen Läden rieselte der Tau herab. Ich nahm den Schlüssel aus seinem Versteck unter der Treppenstufe und sperrte die Türen auf, damit die Morgenluft hineindringen könne. Dann ging ich zurück, rüttelte im Vorübergehen an der verschlossenen Tür des Glashauses und trat nach einer Weile durch den Gartensaal in das Wohnzimmer meiner Frau. Es rührte sich noch nichts im Hause, die Morgenruhe lag noch in allen Winkeln. Aber ein starker frischer Rosenduft schien die Nähe eines Geburtstagstisches zu verraten. – Als ich die Tür meines Arbeitszimmers öffnete, fielen meine Augen auf ein Ölgemälde in ovaler Medaillonform, das angelehnt auf meinem Schreibtisch stand. Es war das lebensgroße Profilbild eines Mädchenkopfes; über dem schweren

Goldrahmen, der es einfaßte, lag eine Girlande von vollen roten Zentifolien. – Der Kopf war ein wenig zurückgeworfen, das glänzende blonde Haar schien erst eben von einer leichten Hand zurückgestrichen; auf den halbgeöffneten Lippen lag der köstliche Übermut der Jugend.

Ich stand atemlos und starrte das schöne jugendliche Antlitz an; mir war, als dürfe ich meine Nähe nicht verraten, als könne von einem unvorsichtigen Hauche alles in Duft verwehen. – Es mußte eine Welt voll Frühlingssonnenlichtes sein, in welche diese jungen lachenden Augen hinaussahen. Ich neigte unwillkürlich das Haupt. Sie – sie wäre es gewesen; mit ihr wäre auch ich in jene Einsamkeit geflohen, nach der jedes Menschenherz einmal verlangt – –«

Rudolf faßte meine Hand.

»Und weshalb war sie es nicht gewesen? – Du kennst das Bild. Was ich gesehen, war nicht die Phantasie eines Malers, nicht etwa die blonde Königin Isote, die vielleicht niemals gelebt hat. Dies Antlitz vor mir hatte dem Leben, meinem eigenen Leben angehört; so war sie einst gewesen, die vor vielen Jahren ihre Hand in meine legte, die noch an meiner Seite lebte.

Ich blickte wieder auf, es ließ mich nicht; der Duft nach Schönheit überwältigte mich ganz. Der Anfang eines alten Liedes fiel mir ein: ‚O Jugend, o schöne Rosenzeit!‘ – sie hatte es damals in meinem elterlichen Hause oft gesungen. Ich streckte die Arme nach dem Bilde aus, als müsse sie so noch einmal wiederkehren, als sei diese süße jugendliche Gestalt noch nicht für immer der Vergangenheit anheimgefallen.

Da plötzlich, während mein Herz von Reue und von vergeblicher Sehnsucht zerrissen wurde, überkam mich ein Gedanke unzweifelhaften, unaussprechlichen Glückes. Sie, die das einst gewesen war, sie selber lebte noch; sie war in nächster Nähe, ich konnte schon jetzt, in diesem Augenblick noch bei ihr sein.

Ich verließ das Zimmer, ich suchte sie; aber sie war nicht mehr im Hause. Als ich in den Garten hinabging, kam sie mir unterhalb der Terrasse entgegen. Sie sah mich lächelnd an, als wollte sie in meinen Augen die Freude über ihr Geburtstagsangebinde lesen. Aber ich ließ ihr keine Zeit, ich faßte schweigend ihre Hand und führte sie in den Garten hinab. – Und wie sie in dem weißen Morgenkleide in ihrer mädchenhaften Weise neben mir ging, mit ihren stillen Augen mich fragend und erstaunt betrachtend, wie ihre Hand so leicht und hingegen in der meinen lag, da konnte ich nicht erwarten, mich anbetend vor ihr niederzuwerfen; denn alle

Leidenschaft meines Lebens erwachte und drängte ihr entgegen, ungestüm und unaufhaltsam.«

Rudolf schwieg einen Augenblick; dann sagte er leise, indem er vor sich in das Abendrot blickte, das schon mit seinem letzten Schein am Himmel stand: »So habe auch ich noch aus dem Minnebecher getrunken, einen tiefen, herzhaften Zug; zu spät – aber dennoch nicht zu spät!«

Wir saßen schweigend nebeneinander; allmählich brach die Dunkelheit herein. Im Garten war alles still geworden; aber im Pavillon unten waren schon die Lichter angezündet und schienen durch die Büsche. Nun wurde ein Akkord angeschlagen, und von einer tiefen Altstimme gesungen klangen die Worte durch die Nacht:

O Jugend, o schöne Rosenzeit!

Referências

STORM, Theodor. Späte Rosen. PROJEKT GUTENBERG - DE. Revista Spiegel Online. Disponível em: <<http://gutenberg.spiegel.de/buch/3490/9>> Acesso em 21 mai. 2014.